

VOTO DE SAUDAÇÃO

PELO CENTENÁRIO DE NATÁLIA CORREIA

13 de setembro de 1923. Nasce Natália Correia.

Será sempre redutor procurar definir em palavras a mulher que o escritor e amigo da autora, Fernando Dacosta, descreveu como *“um ser tocado pelo sagrado, um desses seres que não cabem no espaço que lhe foi destinado, nem no corpo, nem nas normas”*. Mas celebrá-la e homenageá-la nesta que é a Casa de todos os açorianos, assinalando os cem anos do seu nascimento, é não só da mais elementar justiça, como é igualmente um dever e uma responsabilidade.

Natália de Oliveira Correia nasceu na freguesia da Fajã de Baixo, em São Miguel. Com a decisão do pai de emigrar para o Brasil, Natália mudou-se aos 11 anos de idade para Lisboa, com a mãe e com a irmã. *“Não havia homem na casa a regular os ponteiros da nossa vida”*, escreveria mais tarde referindo-se à sua educação e à importância da figura materna.

Escreve o primeiro romance em 1946, aos 22 anos - a narrativa infantil *Grandes aventuras de um pequeno herói* -, e nesse mesmo ano começa a escrever poesia. Dona de uma criatividade explosiva, e com um estilo e originalidade que não pode ser enquadrado em nenhuma escola literária, multiplicou-se por géneros variados, somando a sua obra literária quase meia centena de títulos, o último dos quais, datado do ano da sua morte –

O Sol nas Noites e o Luar nos Dias -, reúne a sua poesia completa, incluindo todos os livros publicados e alguns poemas inéditos.

Foi poeta, dramaturga, romancista, ensaísta, tradutora, jornalista, guionista, editora. No entanto, era como poeta que se definia, defendendo a “*poesia como profecia*” e o “*poeta como profeta*”.

Mulher irreverente e de ação, numa época em que essa condição chocava a sociedade, adere muito jovem aos movimentos de resistência anti-fascista, tendo participado no Movimento de Unidade Democrática e apoiado as candidaturas de Norton de Matos e de Humberto Delgado à Presidência da República. A sua atitude de resistência e a perceção da ditadura não só como violência política e social, mas também como violação da individualidade de cada um, transpõem-se para a sua obra poética: “*Penteiam-nos os crânios ermos/ com as cabeleiras dos avós/ para jamais nos parecermos/ connosco quando estamos sós.*”

Durante a ditadura do Estado Novo, foi inclusivamente condenada a três anos de prisão, com pena suspensa, pela publicação da *Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*, por ofensa aos costumes. Em reação a esses acontecimentos, escreveria a *Defesa do Poeta*, onde se lê: “*Sou a imprudência, a mesa posta de um verso onde o possa escrever. Ó subalimentados do sonho! A poesia é para comer.*”

Alguns anos mais tarde seria novamente processada pela publicação das *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e

Maria Velho da Costa, num processo que ficaria conhecido como *As Três Marias*.

Natália daria expressão ao seu espírito combativo e ao seu invulgar talento oratório nas tertúlias que reunia em sua casa, em Lisboa, e onde se encontravam as mais destacadas figuras das artes, das letras e da política, quer nacionais, quer internacionais e, mais tarde, no bar *Botequim*, que fundou em 1971, considerado “a última grande tertúlia de Lisboa”.

Viveu com júbilo a Revolução de abril de 74 e acabaria por ser eleita, em 1980, como deputada à Assembleia da República, cargo que acabaria por abandonar como independente, em 1991. Marcou pelas suas intervenções parlamentares polémicas, sarcásticas muitas vezes, assumindo sempre a defesa dos mais frágeis, da Cultura, da Mulher, dos Direitos Humanos.

“Entrei na política por causa da Cultura, porque entendo que a Cultura é condicionante da política, e a política não pode ser condicionante da Cultura”, disse em 1980.

Em 1992, liderou a criação da Frente Nacional para a Defesa da Cultura, acompanhada por José Saramago, Manuel da Fonseca e Urbano Tavares Rodrigues.

Recebeu o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores e foi-lhe atribuída a Ordem de Santiago e a Ordem da Liberdade.

Natália Correia faleceu na madrugada de 16 de março de 1993. Deixou aos Açores, terra natal pela qual manteve uma permanente paixão, o seu

espólio literário e as suas próprias cinzas, sepultadas no jardim interior da Biblioteca Pública de Ponta Delgada.

Na página da Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, pode ler-se a seu respeito: *“Natália Correia foi um desses seres que se adiantam ao tempo em que vivem...”*

Por todo o país, ao longo deste ano, têm sido inúmeras as iniciativas de homenagem a Natália Correia. Hoje, com o simbolismo ímpar de que se reveste esta Casa, onde estão representados todos os açorianos, homenageamos Natália e repetimos as suas palavras de louvor e exortação aos Açores:

*“Para a frente, Açorianos!
Pela paz à terra unida.
Largos voos, com ardor, firmamos,
para que mais floresçam os ramos
da vitória merecida.*

*Para a frente! Lutar, batalhar
pelo passado imortal.
No futuro a luz semear,
de um povo triunfal.”*

Assim, nos termos das disposições regimentais aplicáveis, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista propõe à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, reunida em Plenário, a aprovação de um Voto de Saudação pelo centenário de Natália Correia.



GRUPO
PARLAMENTAR

Partido Socialista
AÇORES

Do presente voto deve ser dado conhecimento à Junta de Freguesia da Fajã de Baixo, à Câmara Municipal de Ponta Delgada, ao Governo Regional dos Açores e à Assembleia da República.

Horta, Sala de Sessões, 14 setembro de 2023

Os Deputados,

Marta Matos

Vasco Cordeiro

Andreia Costa

Sandra Faria

Carlos Silva